

As capas dos álbuns dos Mutantes e a contracultura¹

Herom Vargas²

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

Resumo

A proposta deste trabalho é analisar as representações da contracultura nas capas de sete discos dos Mutantes, lançados entre 1968 e 1976. As capas serão tratadas como textos culturais, a partir da semiótica da cultura de Iuri Lotman, buscando mapear relações com outros textos, com o contexto do rock nacional do período e com construções da memória. Conforme a obra musical, a imagem da capa e a estrutura do objeto capa, os álbuns serão divididos em três fases. Observadas atualmente, as capas são objetos semióticos e materiais da cultura que acionam, nas relações entre produtores, artistas e fãs, possibilidades de várias traduções culturais.

Palavras-Chave: Os Mutantes. Capa de disco. Contracultura.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de mapear aspectos visuais de sete álbuns da banda de rock Mutantes, entre 1968 e 1976, e observar como representações da contracultura são construídas nas imagens e na capa pensada como objeto material da cultura musical. Os álbuns são: *Os Mutantes* (1968, Polydor), *Mutantes* (1969, Polydor), *A divina comédia ou ando meio desligado* (1970, Polydor), *Jardim elétrico* (1971, Polydor), *Mutantes e seus cometas no país de Baurets* (1972, Polydor), *Tudo foi feito pelo sol* (1974, Som Livre) e *Mutantes ao vivo* (1976, Som Livre). Esse corpus será dividido em três fases, conforme indicação abaixo.

A história da banda se dá dentro do processo histórico-cultural da contracultura, entre os anos 1960 e os 1970, processo que se traduz em múltiplas direções, às vezes contraditórias, e sempre adaptável a características singulares de onde se desenvolve (NAPOLITANO, 2023; MERHEB, 2012). Observadas como textos culturais (LOTMAN, 1996), em diálogo com as canções, as capas apontam para uma memória visual da contracultura e da banda

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista PQ nível 2 – CNPq, Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie, doutor em Comunicação e Semiótica. E-mail: heromvargas50@gmail.com

Álbuns dos Mutantes e a contracultura em três fases

A obra do trio se fundamenta no experimentalismo, postura que demonstra vínculos com algumas proposições da contracultura, um leque diverso de propostas e posturas desenvolvido a partir de jovens do oeste dos EUA na segunda metade da década de 1960, tendo o rock como catalizador e como trilha sonora. De forma geral, a contracultura engloba movimentos distintos movidos por parte da juventude contrária aos padrões conservadores da sociedade urbana capitalista, inicialmente nos EUA e, depois, na Europa e em outros países ocidentais, com caráter neorromântico, individualista e hedonista (NAPOLITANO, 2023).

Desde os anos 1960, as capas de disco se tornaram um objeto de apuro estético com produção gráfica esmerada, vínculos tradutórios e maior complexidade ao retratar a obra dos artistas e determinados imaginários (RODRIGUES, 2007). Como um texto da (na) cultura (LOTMAN, 1996), a imagem se abre a significados conforme o tempo, os observadores e os contextos.

1ª fase: encenações

Nos três primeiros álbuns – *Os Mutantes* (1968, Polydor), *Mutantes* (1969, Polydor), *A divina comédia ou ando meio desligado* (1970, Polydor) – as capas são construídas por fotografias e encenações do trio, com roupas, poses e cenários. Nas contracapas, temas e formatos variam. Na capa do terceiro álbum, *A divina comédia ou ando meio desligado* (1970, Polydor), o trio reconstrói a famosa cena – *Inferno, canto X* – desenhada por Gustave Doré na década de 1860 ilustrando o clássico livro *A divina comédia*, de Dante Alighieri, do século XIV.

2ª fase: desenhos

O quarto e o quinto álbuns marcam uma nova fase do grupo: maior aproximação com o rock progressivo, o afastamento do grupo tropicalista e a ida da banda para morar em uma comunidade *hippie* na Serra da Cantareira, zona norte de São Paulo, convivendo com o consumo de drogas. Os álbuns são: *Jardim elétrico* (1971, Polydor) e *Mutantes e seus cometas no país de Baurets* (1972, Polydor). Ambos trazem nas capas desenhos do quadrinista Alain Voss, cheios de metáforas sobre drogas, plantas, sexo e objetos fálcos,

com balões de HQ, cores fortes e profusão de traços e detalhes, seguindo da psicodelia e dos quadrinhos. *Mutantes e seus cometas no país de Baurets* traz uma complexidade maior. O desenho da capa continua na contracapa para que o ouvinte manuseie o objeto. Da mesma forma, a parte interna se abre com outro desenho psicodélico influenciado pela estética surrealista, em compasso com o rock progressivo britânico da época (VARGAS, 2023).

3ª fase: progressiva

Com as saídas de Rita, Arnaldo, Dinho Leme e Liminha, Sergio Dias se tornou líder dos Mutantes e reconstruiu a banda com outros músicos para gravarem mais dois álbuns: *Tudo foi feito pelo sol* (1974, Som Livre) e *Mutantes ao vivo* (1976, Som Livre).

Referências

- LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- MERHEB, Rodrigo. **O som da revolução**: uma história cultural do rock, 1965-1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- NAPOLITANO, Marcos. **Juventude e contracultura**. São Paulo: Contexto, 2023.
- RODRIGUES, Jorge Caê. **Anos fatais**: design, música e Tropicalismo. Rio de Janeiro: 2AB/Novas Ideias, 2007.
- VARGAS, Herom. Capas de disco do rock brasileiro (1968-1978): Imagens do rock progressivo e da contracultura. **Revista EcoPós**, v. 26, p. 448-477, 2023.